



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

TEORIAS EM ESPANHOL
SOBRE O
PLURICENTRISMO DO
INGLÊS E SEU REFLEXO
NOS DICIONÁRIOS PARA
APRENDIZES

Ana Carolina Ferreira Nery

RIO DE JANEIRO

2023

ANA CAROLINA FERREIRA NERY

TEORIAS EM ESPANHOL
SOBRE O
PLURICENTRISMO DO
INGLÊS E SEU REFLEXO
NOS DICIONÁRIOS PARA
APRENDIZES

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Prado da Silva

RIO DE JANEIRO

2023

SUMÁRIO

Introdução	4
1. Conceitos Básicos	5
1.1 Língua, dialeto, variedade	5
a) Norma	6
b) Standard	8
1.2 O que é pluricentrismo?	9
2. Inglês	12
3. (Meta)Lexicografia	14
3.1 Dicionário, lexicografia e norma	14
4. Análise dos dicionários	17
4.1 Análise do CLD	17
4.1.1 Diferença de palavras	18
4.1.2 Diferença ortográfica	21
4.1.3 Diferença fonológica	22
4.2 Análise do LDOCE	24
4.2.1 Diferença de palavras	24
4.2.2 Diferença ortográfica	27
4.2.3 Diferença fonológica	28
4.3 Análise do OALD	29
4.3.1 Diferença de palavras	29
4.3.2 Diferença ortográfica	34
4.3 Diferença fonológica	36
4.4 Resultados	37
4.4.1 CLD	37
4.4.2 LDOCE	37
4.4.3 OALD	37
4.4.4 Resultados gerais	38
Conclusão	39
Bibliografia	40

INTRODUÇÃO

Diante da expansão mundial do inglês, hoje ele é considerado uma língua global¹. Essa difusão do inglês no mundo e, como consequência, sua fragmentação dialetal², fez com que surgissem diferentes “normas comunicativas” (cf. CLYNE; SHARIFIAN 2008, p. 28.12) ou “variedades nacionais”³ (cf. CLYNE 1992a p.2) – configurando-se, então, uma “situação pluricêntrica” (cf. PÖLL 2012, s.p.). Clyne e Sharifian (2008, p. 28.12) defendem que o inglês teria duas ou três variedades dominantes⁴: a americana, a britânica e uma de menor alcance, a australiana.

Farias (2018a, p. 164) explica que o dicionário tem como função principal a descrição linguística, na medida em que atua registrando os usos a posteriori e não determinando-os a priori. Os dicionários, em geral, partem de uma variedade – ou língua funcional, em termos coserianos (norma ideal) –, que serve como ponto de referência para o registro das formas pertencentes a outras variedades (normas reais) diassistematicamente diferenciadas (Kilian 2005: 116ss. *apud* Farias 2018a, p. 164).

A autora também afirma que

Le toca al diccionario la codificación de la norma ideal y, por consiguiente, la delimitación de los elementos diassistémicamente diferenciados. Ello implica, según se ha expuesto en Farias (2011, p. 102), que se considere la cuestión de la variación tanto en su dimensión teórica, en cuanto problema ontológico del lenguaje, como en su dimensión práctica, concerniente a la metodología de descripción. (FARIAS, 2018a, p. 164)

Considerando que o dicionário é um instrumento normativo por excelência (cf. Farias 2018), o trabalho lexicográfico se vê diretamente afetado pelo pluricentrismo, pois o dicionário descreve e codifica o *standard* de uma determinada língua. E, de acordo com Oesterreicher (2002, p. 278), é a partir do *standard* que se descrevem as demais variedades, que serve como um ponto de referência e “parâmetro calificador” para elas. É assim que surgem os fenômenos linguísticos, a depender de sua relação com o estandar e é somente a partir da existência dele que “se constituye el espacio variacional de una lengua histórica”.

¹ Outras denominações são tb. *international language* (cf. Clyne e Sharifian 2008) e *international English* (cf. Pöll 2012).

² Sobre os conceitos de língua, dialeto e variedades, cf. 2.1

³ O conceito de variedade nacional será abordado no capítulo 2.1b

⁴ O conceito de variedade dominante será abordado no capítulo 2.1b

No que se refere às línguas pluricêntricas, a complicação está na representação do pluricentrismo, ou seja, dos diversos estândares que possam fazer parte de um determinado idioma.

Este trabalho tem como tema o pluricentrismo do inglês e seu reflexo nos *learner's dictionaries* (dicionários para aprendizes de inglês). Segundo Klotz e Herbst (2016, p. 242), os dicionários para aprendizes de inglês deveriam considerar pelo menos as principais variedades dominantes já codificadas: a britânica e a americana. Neste sentido, analisaremos: 1) quais normas os dicionários de inglês apresentam; 2) como essas normas são representadas nos respectivos dicionários.

Como hipóteses, levando em consideração as normas centrais do inglês (a britânica e a americana), acredita-se que, no geral, elas são igualmente descritas nos verbetes, independente de qual é o país de origem da obra, deixando as demais variedades para situações específicas, se relevantes para o “international discourse” (cf. Klotz; Herbst, 2016, p. 88). Além disso, ao considerar trabalhos anteriores e suas análises (cf. Bugueño Miranda; Jardim, 2010), nota-se que as informações de variação diatópica presentes nos verbetes são assistemáticas, visto que não obedecem a um padrão nesse tipo de informação.

1. CONCEITOS BÁSICOS

1.1 Língua, dialeto, variedade

Segundo Coseriu (1981),

[...] el concepto general de lengua es el de sistema de isoglosas comprobadas en una actividad lingüística completa, es decir, que consiente el hablar y el entender de varios individuos de acuerdo con una tradición históricamente común (p. 5).

O autor também afirma que todo dialeto é uma língua, mas nem toda língua é um dialeto, portanto “subordinamos los dialectos a determinadas lenguas” (p. 5). É possível dizer que um dialeto é uma língua, quando se considera língua – conforme a definição acima – como um sistema de isoglossas, pois possui sistema fônico, gramatical e léxico completo e autônomo (p. 5). Coseriu explica que o termo “dialeto”, se oposto a “língua”, significa que é uma língua menor dentro de uma língua maior, e que a última é uma língua histórica ou o que conhecemos por idioma. O autor acrescenta que uma

língua histórica “– salvo casos especiales – no es un modo de hablar único, sino una <<familia>> histórica de modos de hablar afines e interdependientes” (p. 6) e que os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior, portanto, compreende-se que o dialeto se subordina à língua histórica por estar incluído na mesma. A diferença entre os conceitos é o “estatus histórico (real o atribuído)” (p. 6). Além disso, tratando-se de “estatus histórico”, vale ressaltar que a definição de dialeto e língua é mais política do que linguística, como alega Kabatek (2006, p. 148) ao discutir sobre a situação do asturiano na Espanha. O autor explica que, por não ter uma tradição de políticas linguísticas como as demais línguas (cooficiais) no país, o asturiano também não tem o mesmo apelo popular.

No que concerne à definição de língua, Coseriu (1981) distingue entre língua histórica e língua funcional. Como já foi explicado o que é uma língua histórica, então o foco agora é a língua funcional: é sintópica, sinstrática e sinfática, ou seja, “el tipo de lengua que funciona de manera inmediata en el hablar” (p. 13) e o autor também acrescenta que é um sistema autossuficiente mínimo dentro de uma língua histórica.

No âmbito da língua funcional, em um trabalho anterior, Coseriu (1962) define dois níveis abstratos de estruturação: sistema e norma. O sistema seria tudo o que é possível realizar em uma língua, tudo o que é funcional; enquanto a norma é o que se realiza e é usual para uma comunidade linguística⁵.

a) Norma

Vale informar que, entre os conceitos de *norma* apresentados por Coseriu – e explicados por Kabatek (1952/1973, p. 90 *apud* Kabatek, 2020, p. 7) –, neste trabalho nos interessa o conceito de *norma objetiva*, ou seja, o que se utiliza em uma determinada comunidade linguística.

Assim como o conceito de *norma* de Coseriu apresenta ambiguidade, os conceitos de *correção* e *exemplaridade* também, como afirma Kabatek (2020, p. 8). O autor destaca que Coseriu distingue ambos os conceitos, porque frequentemente eles são

⁵ Vale ressaltar a ambiguidade sobre o conceito de norma para Coseriu, de acordo com as observações feitas por Kabatek (2020). Em geral, como norma linguística Kabatek (2020, p. 1), entende por um modo de fala específico que se concretiza em uma língua funcional, assim se tratando de uma norma objetiva. Porém, em alguns casos, o conceito de norma (Coseriu, 1952 *apud* Kabatek, 2020, p. 1) se refere especificamente à norma exemplar, estandar, desse modo, se tratando de uma norma prescritiva.

confundidos, enquanto são completamente diferentes um do outro. “Correct” é usado de uma forma puramente sistêmica como “belonging to a system”, não importando se esse sistema é de uma língua estandar ou de um dialeto: “Lo correcto se relaciona con la ‘estructura’ de la lengua (de toda lengua): es la conformidad con tal estructura.” (Coseriu, ms. *apud* Kabatek, 2020, p.8). Assim, o que é correto em um determinado dialeto pode ser incorreto na língua standard e vice-versa (KABATEK, 2020, p. 8).

Por outro lado, ainda segundo Kabatek (2020 p.8), *exemplaridade* se refere à língua selecionada como a língua de prestígio de uma comunidade, a variedade que serve para comunicação com alcance maior que o local e que também é um sinônimo para *standard*, como o próprio Coseriu afirma, mesmo que sem utilizar este termo.

Outro conceito importante é o espaço variacional e/ou diassistema, primeiramente devemos retomar o conceito de língua histórica de Coseriu (1981), que já foi apresentado no início do capítulo, e é o que conhecemos por idioma. A seguir, o autor se aprofunda sobre o termo:

Normalmente, en una lengua histórica pueden comprobarse tres tipos fundamentales de diferenciación interna: a) diferencias en el espacio geográfico o *diferencias diatópicas*; b) diferencias entre los distintos estratos socioculturales de la comunidad idiomática, o *diatráticas*, y c) diferencias entre los tipos de modalidad expresiva, según las circunstancias constantes del hablar (hablante, oyente, situación u ocasión del hablar y asunto del que se habla), o *diferencias diafáticas*. (COSERIU, 1981, p. 12)

Koch e Oesterreicher (2011, p. 15) têm uma explicação semelhante e vão além ao dizer que “a soma das variedades diatópicas, diastráticas e diafáticas de uma única língua representa uma estrutura de tradições e normas linguísticas: um diassistema”.⁶ Ou seja, o diassistema é um conjunto de variedades de uma língua que ocorrem em um determinado espaço. Oesterreicher (2002, p. 283) dá como exemplo o fenômeno do “ustedes” no espanhol, que na Espanha é marcado como formal, com exceção das Ilhas Canárias e Andaluzia, e que na América Hispânica, majoritariamente é um estandar para se referir à terceira pessoa do plural. Assim, a depender de onde este fenômeno é usado, lhe será atribuído um determinado *status*.

A seguir, Oesterreicher explica sobre cadeia variacional

Este dinamismo interno – es decir el hecho de que un elemento dialectal pueda funcionar secundariamente como un elemento

⁶ “Die Summe der diatopischen, diastratischen und diaphasischen Varietäten einer Einzelsprache stellt in dieser Sicht ein Gefüge von sprachlichen Traditionen und Normen dar: ein **Diasystem**” (Koch, Oesterreicher 2011 p. 15)

diastrático marcado e, incluso, diafásicamente marcado, y un elemento diastraticamente marcado pueda funcionar secundariamente en la dimensión diafásica – se llama cadena variacional. (Oesterreicher, 2002, p. 277)

Desse modo, entende-se que a depender do contexto social e grau de formalidade que um elemento é usado, ele pode ser marcado tanto diastraticamente quanto diafasicamente e vice-versa.

Diante dos conceitos explicados, este trabalho se atém às diferenças diatópicas dos *standards* da língua inglesa com a maioria das teorias em espanhol.

b) *Standard*

Coseriu (1981, p. 14) afirma que “Y si, dentro de una lengua común, se establece una modalidad ejemplar (lengua estándar), también ésta puede diferenciarse en el espacio y presentar, por tanto, variedades regionales, que serán, dialectos terciarios”.

Complementando a ideia do autor, Farias (2019) esclarece abaixo sobre o *standard*:

deve-se compreender que uma norma culta regional — e, portanto, em princípio, diatopicamente marcada em relação ao *standard* considerado, inicialmente, central ou supranacional — que, eventualmente, se converte em *standard* (local, nacional, regional) desencadeia uma “reordenação” do espaço variacional da língua histórica (p. 168).

A autora continua a explicação ao afirmar que, primeiramente “a variedade que se converte em *standard* já não se subordina ao “*standard* central” — ou, em outras palavras: “perde” sua marca diatópica”, conseqüentemente,

A variedade convertida em *standard* constituirá um novo ponto de referência, a partir do qual se organiza um espaço variacional próprio, com suas próprias variedades marcadas diatópica, diastrática e diafásicamente em relação ao “novo” diassistema. (p. 168)

Clyne (1992) introduz os conceitos de variedades dominantes e não dominantes no livro do qual é editor, *Pluricentric Languages: Differing Norms in Different Nations* e anos mais tarde, Mühr (2005) explica cada uma delas: “dominating varieties” e “non-dominating varieties” ou “other varieties”. Sobre elas, o autor esclarece que a primeira é normalmente idêntica às variedades do país de onde o idioma se origina e que, na maioria dos casos, as variedades dominantes também são as que têm maior população e os países mais poderosos (seja economicamente e/ou politicamente) por

trás delas. O segundo termo, Mühr esclarece que são as variedades em todos os outros países que compartilham o mesmo idioma – geralmente são as mais “novas” (p.11).

Além disso, é importante diferenciar a variedade dominante da nacional. Ainda que às vezes tais conceitos possam coincidir, não são sinônimos. Tomemos como exemplo o inglês: cujas variedades dominantes coincidem com as nacionais, como o inglês americano, britânico (e, talvez, o australiano). Porém, não é o que acontece no caso do espanhol argentino, por exemplo, que é uma variedade nacional, mas não uma variedade dominante do idioma.

Sobre variedades nacionais, Clyne (1992a) aclara que as que são, como já diz o nome, de nações ou de grupos nacionais são diferentes dos dialetos – variedades locais e regionais – no que se refere ao seu nível de status, embora nem sempre em seus índices linguísticos. O autor acrescenta que as variedades nacionais são identificadas por uma nação em particular pelo “*in-* and the *outgroup* (cf. also Hogg - Joyce - Abrams 1984)” e que são usadas para excluir as não nacionais. Ademais, as variedades com distância limitada precisam aumentar a distância através do planejamento do *corpus* com a finalidade de promover a função simbólica da linguagem. No entanto, o autor alega que o desenvolvimento de dialetos para *Ausbausprachen*⁷ em situações di- ou triglossicas pode prejudicar as variedades nacionais de uma língua *standard* e dá como exemplo a situação do suíço-alemão e o “*lëtzegebuergesch*” (ou língua luxemburguesa) com o *standard* alemão na Suíça e Luxemburgo.

1.2 O que é pluricentrismo?

Farias 2019 (p.164) afirma que ainda não existe um consenso acerca dos conceitos de “pluricentrismo” e “línguas pluricêntricas”, apesar de já serem conhecidos desde meados do século XX e gozarem de relativa difusão (ao menos no âmbito europeu).

Clyne (1992a, p. 1) no início do seu livro, apresenta o tema e tenta uma breve explicação quando diz que o termo pluricêntrico foi empregado por Kloss (1978 II: 66-67 *apud* CLYNE, 1992a, p.1) para descrever línguas com centros interativos, cada um oferecendo uma variedade nacional com pelo menos algumas das suas próprias normas (codificadas). O autor também alega que as línguas pluricêntricas são tanto

⁷ Para o conceito de *Ausbausprachen*, cf. Kloss (1967)

unificadoras quanto separadoras de pessoas ou povos: as unem através da língua e as separam através do desenvolvimento das normas nacionais, índices e variações linguísticas com as quais os falantes se identificam.

Mais adiante, o autor se aprofunda acerca do tema e garante que vai além do âmbito linguístico, pois envolve poderes políticos, econômicos e número de falantes ao dizer que a questão do pluricentrismo se refere à relação entre língua e identidade: de um lado tem a língua e do outro o poder. Clyne (1992b, p. 455) também explica que um dos fatores que pode definir a hierarquia das variedades nacionais pode ser determinado pelo tamanho da população das nações, seus poderes políticos e econômicos, fatores históricos (“*original heart-land*”), o status dominante ou codominante (cf. Kloss, 1976 *apud* Clyne, 1992b), e se a variedade nacional é nativa ou “nativized” (poderia traduzir por *nativizado*). Por fim, o autor dá como exemplo a situação do francês canadense, holandês belga e inglês de Singapura que, respectivamente, têm menos poder e prestígio, ainda que não da mesma forma, ao francês (da França), o holandês (da Holanda) e ao inglês britânico ou americano.

Kloss (1967, p. 31) explica que as situações pluricêntricas (cf. PÖLL) podem se formar em três tipos de situação: a primeira é quando standards policêntricos serão encontrados onde uma língua é dominante em dois ou mais países separados geograficamente, como no caso do inglês (britânico e americano) e do português (no Brasil e em Portugal). A segunda é em comunidades de fala que ainda se encontram na fase inicial da sua modernização, e o autor dá como exemplo os albaneses, bascos, curdos, etc. A terceira e última situação é onde as circunstâncias políticas provocaram desenvolvimentos separados (ou também, pode-se dizer, independentes) para duas variantes de uma única língua, como aconteceu com o romeno e o moldavo, com o sérvio e o croata.

Anos depois, Pöll (2012, s.p.) crê que a (bi)polarização monocêntrica/pluricêntrica para a definição de línguas pluricêntricas é muito simples e não abrange casos como o do espanhol, que hoje em dia nem se caracteriza pelo predomínio de uma norma central presente na antiga metrópole, nem por diversas normas de peso e alcance idênticos. Portanto, o autor prefere usar os termos de simetria e assimetria introduzidos por Clyne (1992) para se referir ao pluricentrismo das línguas. O mesmo explica que uma língua mais simétrica seria o inglês, por exemplo, com pelo menos dois centros bem definidos, o britânico e o americano; o francês, pelo contrário, seria uma língua mais assimétrica. Tomando como exemplo o espanhol, de acordo com

Pöll, ele considera o idioma mais assimétrico que o inglês e menos assimétrico que o francês. Para melhor entendimento, Pöll (2012, s.p.) exemplifica que o inglês é o caso prototípico de pluricentrismo, pois tem dois (e talvez três) variedades *standard* e “cada uma com bastante poder irradiador y peso”, enquanto o francês apresentaria um pluricentrismo mais assimétrico, tendo em vista o predomínio do “centro tradicional”. O espanhol, que antes ele expôs o problema na sua definição com os termos mono- e pluricêntrico, agora estaria entre simetria e assimetria.

Uma das características da pluricentricidade em algumas línguas é, segundo Clyne (1992a, p. 5), as variações no sistema ortográfico, como o que acontece no inglês e que também podemos perceber no português. Ele acrescenta que os acordos bilaterais ou multilaterais podem ter o efeito de atribuir um *status* igual a ambas as variedades, ou a todas, ou de reforçar uma variedade nacional.

Além disso, Rivarola (2001 *apud* Farias, 2019, p. 170) destaca que uma codificação normativa deve corresponder ao caráter pluricêntrico da língua, ou seja, deve ser pluricêntrica também e que isso só é possível “se *todos* os centros normativos são conhecidos e *todos* os *standards* estão devidamente descritos”.

Por fim, retomando Pöll (2012, s.p.) ele acrescenta que qualquer língua mostra tendências para a diversificação de normas, uma vez que a variação linguística, especialmente se diz respeito à “habla culta”. Normalmente se transmite uma identidade nacional e etnolinguística parcialmente diversa e satisfaz o desejo de afirmarem uma própria personalidade social, o que se nota em muitos grupos geograficamente periféricos.

2. INGLÊS

Neste trabalho utilizamos o inglês (no quarto capítulo faremos a análise dos dicionários deste idioma), porque se trata de uma língua pluricêntrica mais simétrica, e isso nos oferece mais materiais e exemplos mais claros para apresentar. Por esse motivo, se apresentam neste capítulo os principais temas sobre a língua e a sua relevância mundial. Muito se ouve que o inglês é uma língua internacional, um idioma global, de negócios e viagens, mas é preciso entender o porquê disso. O autor David Crystal (2003, p. 9) alega que uma língua se tornou tradicionalmente uma língua internacional por um motivo primordial: o poder do seu povo, principalmente pelo seu poder político e militar. Tal explicação foi a mesma ao longo da história e ele exemplifica o que aconteceu com o grego, latim e outras línguas. Além disso, o autor explica ao longo do livro que através das expedições, colonizações, industrialização, globalização comercial e econômica, e a tecnologia, o inglês estava fazendo parte de todos esses eventos e que qualquer língua que estivesse presente nessa “explosão de atividade internacional” se encontraria com um *status* global (cf. CRYSTAL, 2003, p. 10). O linguista acrescenta que a tecnologia tornou as pessoas mais móveis, tanto física quanto eletronicamente, e “a disponibilidade de ambas estas facilidades no último século promoveram as circunstâncias necessárias para o crescimento de uma língua global” (p.13).

Ainda sobre *global language*, este é um fenômeno inédito que Crystal (2003) alega que nunca na história da humanidade: se viu esse tipo de circunstâncias para uma mudança tão rápida, houve tanta necessidade de tantas nações precisarem se comunicar, as pessoas desejaram viajar para tantos lugares, se precisou de tanta tradução e intérprete, houve a necessidade de um bilinguismo e houve tanta urgência por um idioma global. Desse modo, todo esse dinamismo e necessidades colaboram ainda mais para a expansão e busca pelo aprendizado do idioma.

Segundo Crystal (cf. 2003, p. 1), o inglês pode ser considerado como a primeira *língua franca* global por ser usado nas principais mídias - como jornais, filmes, séries e internet - e ser um idioma fundamental de comunicação no turismo, na política, ciência e outras áreas importantes. Para uma língua ter o *status* de global, o autor (cf. CRYSTAL, 2003, p. 4) afirma que é necessário considerar dois aspectos. Primeiramente, os países onde a língua é usada como língua materna e considera-se também os países em que é língua oficial, sendo ela a única ou dividindo espaço com outras línguas (segundo o autor, o inglês é oficial em cerca de setenta países). Em

segundo lugar, o idioma precisa ser uma prioridade no ensino de língua estrangeira de outros países.

Dessa forma, Crystal (2003, p. 6) diz que “é inevitável que uma língua global seja usada por mais pessoas do que qualquer outra língua”. Além disso, respondendo à questão levantada por Skutnabb-Kangas e Phillipson (1989, 460 *apud* CLYNE, 1992b) quando perguntam “A quem pertence a língua?”, Crystal (2003, p. 2) apresenta algumas das consequências do inglês com o *status* global, como o fato de que essa língua não pertence mais a ninguém, ou seja, não é mais restrita aos nativos, senão a todos que a aprendem, que a compartilham e têm direito de “usá-la como quiserem”. E que isso pode deixar “muitas pessoas incomodadas” (principalmente os nativos do idioma em questão) “e até mesmo um pouco ressentidas”. O linguista reafirma essa teoria ao explicar que o inglês já é tão difundido atualmente, que não se pode mais pensar nele como “a propriedade” de nenhuma nação (p. 26) e que cerca de um quarto da população mundial é fluente ou possui competência na língua (p. 6).

Sobre a variação do inglês como língua estrangeira, o autor afirma em um vídeo do British Council Serbia em 2013⁸, que falantes de outros idiomas (compreende-se que sejam os que não tenham o inglês como língua materna) querem se expressar na língua de acordo com a sua visão e conhecimento de mundo sobre seu próprio país. Portanto, entende-se que os não-nativos se comuniquem a partir das influências da sua língua materna e cultura no inglês, assim adaptando-o às suas experiências e criando novas formas de se expressar no idioma.

Baseando-se na opinião do próprio autor, em uma entrevista em 2013⁹, ao responder sobre qual seria o seu inglês, Crystal afirma que atualmente prefere usar o inglês cuja norma tem o maior número de falantes, portanto o inglês americano, e adaptá-lo com o sotaque e o vocabulário de acordo com o contexto de onde e com quem a língua é usada.

Retomando o pluricentrismo, Pöll (2012) alega que existem comunidades pluricêntricas

En las que no hay – y quizás nunca habrá – debates sobre la viabilidad de un superestándar o su codificación: son las que se caracterizan por centros normativos con peso similar y cuyas variedades nacionales están bien establecidas (s.p.)

⁸ https://www.youtube.com/watch?v=2_q9b9YqGRY (acesso em: 23/09/2022)

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=5Kvs8SxN8mc> (acesso em: 19/09/2022).

O autor afirma que este é o caso do português, por exemplo, e do inglês, pois são variedades nacionais (e dominantes) bem definidas. Desse modo, acredita-se que dificilmente os falantes de uma variedade aceitariam a outra convivendo no mesmo espaço, ainda que eles possam compreender ambas. Portanto, uma superexemplaridade do inglês dificilmente seria aceita.

3. (META)LEXICOGRAFIA

3.1 Dicionário, lexicografia e norma

A lexicografia é o estudo da elaboração e do uso de dicionários. A lexicografia pedagógica se ocupa dos dicionários direcionados a aprendizes da língua materna ou de uma língua estrangeira. Segundo Jardim (2013, p. 39), “a lexicografia pedagógica se difere da lexicografia geral devido ao caráter específico do seu objeto de estudo e seu público-alvo”. Abaixo está o organograma de autoria da mesma autora para melhor compreensão e distinção dos temas abordados.

Organograma das ramificações da lexicografia pedagógica



Imagem 1: retirada de Jardim (cf. 2013, p. 40).

O *learner's dictionary*, como é conhecido internacionalmente, é o dicionário para aprendizes de um idioma estrangeiro, cujos principais traços são: 1) ser monolíngue; e 2) estar direcionado ao aprendiz de uma língua estrangeira (cf. KLOTZ; HERBST, 2016, p. 241). De acordo com Klotz e Herbst (2016, p. 242), este tipo de obra precisa ter definições simples e claras, a fim de evitar o uso de um vocabulário que não seja familiar para os usuários. Ademais, os autores acrescentam que o *learner's dictionary* pode ter duas funções: de produção e de recepção.

Com relação à variedade que deve ser apresentada como modelo nos *learner's dictionaries* de inglês, Klotz e Herbst (p. 88) esclarecem que por tal obra ser pensada para o mercado internacional e para os aprendizes de inglês, se tem que pensar em quais variedades do idioma serão utilizadas e quão profunda. Por isso, há razões óbvias para se optar pela cobertura sistemática dos *standards* britânico e americano e restringir outras variedades para casos específicos, como palavras ou expressões características de uma determinada cultura e se elas são relevantes no meio internacional. Caso contrário, apenas geraria um grande número de variedades que não teria relevância para um aprendiz, bem como verbetes complexos e problemas para descrevê-los. Portanto, os autores determinam que normalmente o *learner's dictionary* abrange diferentes variedades do inglês, principalmente referente à diferença entre as duas variedades centrais (p.241).

Além disso, os autores (p.88) comentam que, mesmo com restrição às duas variedades, isso também pode apresentar alguns problemas, visto que há diferenças entre elas em quase todos os níveis de descrição linguística: como no âmbito ortográfico (*programme* no britânico e *program* no americano), na pronúncia (/tə'mɑ:təʊ/ britânico e /tə'meɪtəʊ/ americano), morfológica (como as formas *got* britânico e *gotten* americano do *past participle*); e no significado (*easter egg* 1 britânico: um ovo de chocolate comprado ou dado como um presente de páscoa; 2 americano: um ovo que foi colorido e decorado para o celebrar a páscoa)¹⁰. Estes são apenas alguns dos exemplos expostos pelos autores, mas é possível achar mais em outros âmbitos linguísticos também.

Dentre os tipos de dicionário com o uso cada vez mais comum, existem os dicionários eletrônicos (e, de uns anos para cá, os disponíveis *on-line* ou como aplicativos para *smartphones*) onde é possível ter mais ferramentas disponíveis para

¹⁰ Todos os exemplos são apresentados pelos autores Klotz e Herbst (2016 p. 89 e 90), mas consultados e retirados do Oxford - OALD (<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/> acesso em 05/09/2022), exceto o último exemplo, referente ao significado, que foi retirado de Longman – LDOCE (<https://www.ldoceonline.com/dictionary/easter-egg> acesso em 05/09/2022).

quem consulta a obra, uma vez que existe a possibilidade de se obter mais informações quando se passa o cursor por cima de algum item ou clicando nele para ser direcionado a outro verbete, facilidade ao acesso e busca do verbete e outras diferenças em comparação ao modelo impresso, além das transcrições fonéticas e os áudios referentes aos *standards*, tanto que Bogueño & Jardim (2010, p. 45) afirmam que “o consulente pode valer-se não só da transcrição fonética quanto do áudio, que pronuncia as unidades léxicas de acordo com a variante diatópica proposta pelo dicionário”.

4. ANÁLISE DOS DICIONÁRIOS

Com o intuito de responder às duas perguntas iniciais feitas na introdução: 1) quais normas os dicionários de inglês apresentam; 2) como essas normas estão apresentadas; foram selecionados verbetes de unidades léxicas que podem supor problemas em relação a representação de estândares divergentes e analisá-los em três dicionários monolíngues *on-line* para aprendizes de inglês – Cambridge (Cambridge Learner’s Dictionary), Longman (Longman Dictionary of Contemporary English) e Oxford (Oxford Advanced Learner’s Dictionary). Na análise de cada dicionário, será analisado o *front matter*, caso tenha, e as principais diferenças linguísticas entre as variedades britânica e americana, sendo elas: 1) sinônimos - esta seção se dedica aos diferentes sinônimos em cada um dos standards do inglês, isto é, serão analisadas palavras que possuem o mesmo significado, mas uma pertence à variedade britânica e a outra à americana; 2) diferença ortográfica – o significado é o mesmo e a pronúncia normalmente é a mesma também, mas a diferença está em como uma das variedades vai escrever a mesma palavra; e por fim, 3) diferença fonológica – as palavras são escritas igualmente e o significado é o mesmo, mas a pronúncia varia em cada estândar.

4.1 Análise do CLD

Começamos com o *front matter*¹¹ do dicionário *on-line* do CLD:

No Cambridge Learner's Dictionary você encontra as palavras, frases e colocações que alunos intermediários de inglês britânico precisam saber. Definições simples e claras, e pronúncias de áudio, com milhares de exemplos cuidadosamente selecionados a partir do Cambridge English Corpus, ajudam os alunos a escrever e falar inglês mais naturalmente.

(Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/learner-english/> Acesso em: 05 set 2022)

Primeiramente se explica o objetivo da obra, a qual público ela se endereça e sua metodologia. É importante destacar a informação para qual nível de aprendizagem ela é feita, “alunos intermediários”, e qual *standard*, “inglês britânico”, é utilizado na obra. Porém, a seguir nota-se algo curioso: enquanto no *front matter* o estândar considerado é o britânico, na parte acerca dos substantivos em “ajuda-códigos” há uma referência ao inglês americano, como se pode ver no que está destacado na imagem abaixo.

¹¹ Para o conceito de *front matter* cf. Farias 2013 (p. 55).

[+ sing/pl verb]

Um substantivo que se refere a um grupo de pessoas que agem em conjunto. Em inglês britânico, quando usado no singular pode ser acompanhado por um verbo no singular ou plural. Em inglês americano, prefere-se o verbo no singular.

Imagem 2: descrição dos códigos usados no dicionário CLD

(Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/pt/help/codes.html> Acesso em 05 set 2022).

Dessa forma, compreende-se que o dicionário, ainda que seja direcionado para aprendizes de inglês britânico, nota-se na imagem que se explicam questões gramaticais não somente desse *standard*, mas também do inglês americano.

A seguir, dá-se continuidade às análises dos verbetes do CLD e suas principais diferenças.

4.1.1 DIFERENÇA DE PALAVRAS

Nesta seção serão analisadas as palavras que possuem o mesmo significado, mas são diferentes, usadas na variedade britânica e americana.

Começando por *aubergine*, esse é o próximo verbete a ser estudado, onde se destacam as marcas diatópicas:

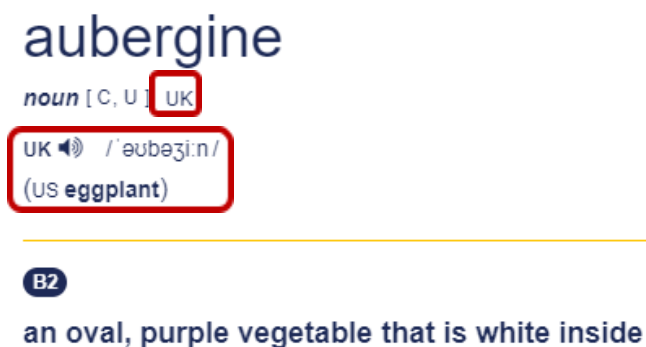


Imagem 3: verbete *aubergine* no dicionário CLD (Fonte:

<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/learner-english/aubergine> Acesso em 11 set 2022).

Acima, destaca-se primeiramente o *UK*, o que indica que o substantivo é usado no Reino Unido. Depois, destaca-se o áudio referente à pronúncia nesta variedade, sua transcrição fonética e abaixo “US” – *United States* – acompanhado por *eggplant*, conseqüentemente, entende-se que esta é a forma usada nos Estados Unidos.

Agora se analisam os áudios e as marcas diatópicas do verbete *eggplant*:

eggplant

noun [C, U] **US**

UK  /'egpla:nt/ US 
(UK aubergine)

an oval, purple vegetable that is white inside

Imagem 4: verbete *eggplant* no dicionário CLD (Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/learner-english/eggplant> Acesso em 11 set 2022).

Prontamente percebe-se *US* – *United States* – e conclui-se que *eggplant* é a forma usada no país. Adiante, observa-se que a transcrição fonética está entre os áudios de *UK* e *US*, porém aqui não fica claro o motivo de ter o áudio referente à *UK*, se essa palavra pertence à variedade americana e, se voltamos ao verbete analisado anteriormente, que pertencia à variedade britânica, há somente o áudio referente a *UK*. Por isso, crê-se que há uma assistemática nessa informação em *eggplant*, pois deveria obedecer à mesma regra do verbete anterior e disponibilizar somente o áudio referente a sua variedade. Retomando a análise, abaixo dos áudios vê-se *UK aubergine*, o que significa que tal forma é usada no Reino Unido.

Finalmente, ainda que o último verbete analisado apresente uma informação desnecessária em relação ao áudio, tanto *aubergine* quanto *eggplant* deixam claro a qual variedade cada um pertence.

Ainda tratando sobre o uso de palavras que podem ter o mesmo significado, mas são diferentes nos principais *standards*, abaixo serão analisados os verbetes *football* e, mais adiante, *soccer*. No primeiro verbete será analisada a marca diatópica.

football

noun

UK  /'fʊtbɔ:l/ US 

football noun (UK GAME)

A1

a game in which two teams of players kick a round ball and try to score goals:

- a **game of** football

Imagem 5: verbete *football* no dicionário CLD (Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/learner-english/football> Acesso em 10 set 2022).

Em *football*, chama atenção *UK GAME*, de modo que se infere que a primeira acepção é um jogo e que pertence à variedade do Reino Unido. Porém, o dicionário não dispõe na mesma acepção qual é a palavra usada nos Estados Unidos. Abaixo, seguimos a análise da marca diatópica na segunda acepção.

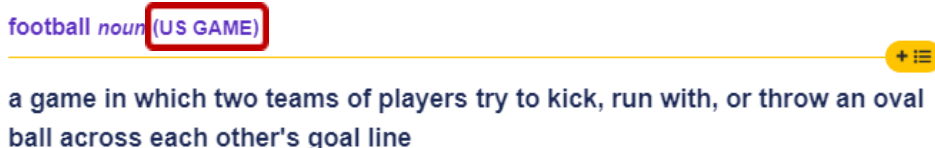


Imagem 6: acepção 2 do verbete *football* no dicionário CLD (Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/learner-english/football> Acesso em 10 set 2022).

Mais uma vez, destaca-se a informação diatópica, ou seja, *US GAME*. Portanto, infere-se que a segunda acepção é um jogo e que pertence à variedade dos Estados Unidos, o que se conhece no Brasil por “futebol americano”. Contudo, o dicionário não apresenta qual é a palavra ou expressão usada no Reino Unido para se referir a essa acepção, como *american football*.

Retomando a primeira acepção, por mais que o verbete *football* não apresente qual é a palavra equivalente usada na variedade americana, quando se busca *soccer* no dicionário, encontra-se um verbete, como se pode ver a seguir, que focará nos áudios e na marca diatópica:



Imagem 7: verbete *soccer* no dicionário CLD (Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/learner-english/soccer> Acesso em 10 set 2022).

Destacam-se as informações dos áudios, cada um referente aos *standards* britânico ou americano e a transcrição fonética entre eles. Desse modo, se tal palavra pertence a somente uma das variedades, não há necessidade de ter o áudio de ambas. Seguindo a análise, observa-se *also UK football*, ou seja, que a palavra usada no Reino Unido é *football*. Ademais, ao comparar as acepções de ambos os verbetes, *football* e *soccer*, a acepção é escrita da mesma forma.

4.1.2 DIFERENÇA ORTOGRÁFICA

Nesta parte, o foco é analisar palavras que têm o mesmo significado, mas que são escritas diferentemente, sendo cada forma delas pertencentes a uma das duas principais variedades do inglês, como será apresentado a seguir.

Começando pelos verbetes *centre* e *center*. No primeiro verbete, concentra-se a análise das marcas diatópicas:



Imagem 8: verbete *centre* no dicionário CLD (Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/learner-english/centre> Acesso em 11 set 2022).

Logo nota-se que é um substantivo que pertence a *UK*, Reino Unido, e entre parênteses se apresenta a informação *US center*, ou seja, nos EUA, a ortografia correta para essa palavra é *center* - que se clicado, o consulente é levado para o respectivo verbete. Porém, abaixo disso estão disponíveis os áudios tanto dos EUA como do Reino Unido com apenas uma transcrição fonética de *centre* entre eles. Como na análise anterior, apresenta-se o mesmo problema: se o verbete se refere somente a uma determinada variedade, não há necessidade de ter o áudio de ambas.

Abaixo se analisa no verbete *center* os áudios, a transcrição fonética e a marca diatópica.

center

noun, verb

UK  /ˈsɛntəː/ US 

US spelling of **centre**

Imagem 9: verbete *center* no dicionário CLD (Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/learner-english/center> Acesso em 11 set 2022).

O primeiro fato que chama atenção é que se apresentam os áudios referentes aos *standards* de *UK* e *US*, como no verbete anterior, acompanhados de uma transcrição fonética, que também é a mesma do verbete anterior, o que confirma que a diferença entre *centre* e *center* é apenas ortográfica. Logo lê-se “US spelling of **centre**”, ou seja, *centre* é a forma americana. Também vale ressaltar que o verbete não possui acepção, o que leva o consultante, caso precise do significado, a recorrer ao verbete britânico de qualquer modo, caso necessário.

Dando continuidade à análise, os próximos verbetes são *flavour* e *flavor*. No primeiro serão analisadas as marcas diatópicas.

flavour

noun UK (US **flavor**)

UK  /ˈfleɪvəː/ US 

flavour noun (TASTE)

B1

the taste of a particular type of food or drink:

- *We sell 50 different flavours of ice cream.*

Imagem 10: verbete *flavour* no dicionário CLD (Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/learner-english/flavour?q=flavor> Acesso em 10 set 2022).

A informação em destaque é *UK*, o que se interpreta que esta forma da palavra é usada no Reino Unido, seguido da informação entre parênteses *US flavor*, o que se entende que a forma usada nos Estados Unidos é *flavor*.

Diferentemente dos verbetes *centre* e *center*, em que para ambos há o verbete disponível no dicionário, aqui somente *flavour* está disponível e *flavor* não. De qualquer modo, quando se busca *flavor*, se é levado automaticamente ao verbete *flavour*, e ao

retomar a análise, percebe-se que não há prejuízo sobre as informações para o consulente, como de qual forma é usada em cada variedade.

4.1.3 DIFERENÇA FONOLÓGICA

O que é importante a partir daqui são as diferenças fonológicas: são palavras que são pronunciadas diferentemente em cada uma das principais variedades do inglês. Abaixo, analisa-se primeiramente *poem*, seus áudios e a transcrição fonética.

The screenshot shows the dictionary entry for 'poem'. At the top, the word 'poem' is written in a large, dark blue font. Below it, the word is identified as a 'noun [C]'. A red rectangular box highlights the pronunciation information: 'UK' with a speaker icon, the phonetic transcription '/ˈpəʊɪm/', and 'US' with a speaker icon. Below this, there is a yellow horizontal line with a small yellow square containing a plus sign on the right. Underneath the line, there is a blue circle with the letter 'B1' inside. The definition follows: 'a piece of writing, especially one that has short lines and uses words that sound the same:'. At the bottom, there is a bullet point: '• love/war poems'.

Imagem 11: verbete *poem* no dicionário CLD (Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/learner-english/poem> Acesso em 10 set 2022).

Destacam-se os áudios de *UK* e *US* e, surpreendentemente, somente uma transcrição fonética entre eles. Como será exposto nas próximas seções que analisam o mesmo verbete em outros dois dicionários para aprendizes, por se tratar de uma palavra que é pronunciada de forma distinta em cada um dos *standards*, seria interessante o CLD apresentar a transcrição fonética de *US* também. Abaixo segue a análise de *privacy*, onde essa diferença é claramente exposta e o dicionário se preocupou em apresentar essa diferença.

privacy

noun [U]

UK  /'prɪvəsi/ US  /'praɪvəsi/



B2

the state of being alone so that people cannot see or hear what you are doing:

• *I hate sharing a bedroom - I never get any privacy.*

Imagem 12: verbete *privacy* no dicionário CLD (Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/learner-english/privacy> Acesso em 10 set 2022).

Neste verbete, além de dispor do áudio de cada um dos standards, destacam-se as transcrições fonéticas que acompanham cada áudio. Desse modo, crê-se que esta é a forma correta de representar a diferença entre as pronúncias de ambas as variedades.

4.2 Análise do LDOCE

O dicionário LDOCE não apresenta nenhuma informação sobre a obra ou especificamente um *front matter*. Por isso, segue-se diretamente para as análises dos verbetes.

4.2.1 DIFERENÇA DE PALAVRAS

Palavras diferentes de cada variedade do inglês que têm o mesmo significado. Iniciando a análise por *aubergine*, onde o foco são as marcas diatópicas.

aubergine

From Longman Dictionary of Contemporary English

Related topics: [Plants](#), [Food dish](#)

au-ber-gine /'əʊbəʒi:n \$ 'oʊber-/ **noun** [countable, uncountable] British English  

a large dark purple vegetable **SYN** **eggplant** *American English*

Examples from the Corpus

aubergine

- It turned out to be the food market, where they sold swollen watermelons and **aubergines** and strange shaped fruits.
- Numbers and music shared of course the same patterns of elegance, even when the figures exalted only **aubergines**.



Imagem 13: verbete *aubergine* no dicionário LDOCE (Fonte: <https://www.ldoceonline.com/dictionary/aubergine> acesso em 11/09/2022).

Destaca-se primeiramente a informação *British English*, assim compreende-se que o verbete pertence à variedade britânica. Ao lado disso, estão os áudios referentes à variedade britânica e americana, esta informação é dada quando se passa o cursor em cada um deles no site. Nota-se que, embora o verbete pertença somente a um dos *standards*, o dicionário apresenta o áudio de ambos. Nesse caso, apenas o áudio da variedade deste verbete já seria suficiente.

Logo apresenta-se *SYN* – de sinônimo – acompanhado de *eggplant* e *American English* que, conseqüentemente, entende-se que é a forma usada no inglês americano. Abaixo, vê-se a origem dessa palavra, o que será discutido a seguir.

Origin **aubergine** (1800-1900) aubergine “eggplant” ((18-21 centuries)), from French, from Catalan alberginia, from Arabic al-badhinjan “the eggplant”, from Persian badingan

Imagem 14: origem etimológica da palavra no verbete *aubergine* no dicionário LDOCE (Fonte: <https://www.ldoceonline.com/dictionary/aubergine> acesso em 11/09/2022).

A imagem acima se trata da origem etimológica da palavra. Ainda que o LDOCE não se apresente como um dicionário para aprendizes nem tenha um *front matter* a fim de esclarecer isso, entende-se que este tipo de informação é desnecessário para um aprendiz de nível inicial do idioma, a quem normalmente se propõe um *learner's dictionary*.

Abaixo segue a análise do verbete *eggplant* e se destacam as marcas diatópicas novamente.

eggplant

From Longman Dictionary of Contemporary English

Related topics: [Food](#)



egg·plant /'egplɑ:nt \$ -plænt/ **noun** [countable, uncountable] American English  
 a large vegetable with smooth purple skin **SYN** **aubergine** British English

Imagem 15: verbete *eggplant* no dicionário LDOCE (Fonte: <https://www.ldoceonline.com/dictionary/eggplant> acesso em 11/09/2022).

Primeiramente destaca-se a informação *American English*, o que se entende que *eggplant* é a forma usada no inglês americano, porém, novamente o dicionário deixa claro a qual variedade o verbete pertence e insiste em apresentar um áudio para cada uma delas. Também vale ressaltar a acepção que diz *a large vegetable with smooth purple skin*, e comparar com o verbete anterior que diz *a large dark purple vegetable*. Ainda que somente o verbete *aubergine* disponha de imagem, sabe-se que ambos os verbetes se referem ao mesmo vegetal, mesmo que a acepção de cada um esteja um pouco diferente. Acredita-se, portanto, que deveriam ser iguais, para evitar algum tipo de dúvida para o consulente.

Em segundo lugar, destaca-se a informação de *SYN* – “sinônimo” – e *aubergine* seguido de *British English*, assim se compreende que é a forma usada no inglês britânico.

Abaixo seguem os verbetes *football* e *soccer*, onde no primeiro serão analisadas as marcas diatópicas.

football

From Longman Dictionary of Contemporary English

Related topics: [Football](#), [American football](#), [Sport](#)



foot·ball /'fʊtbɔ:l \$ -bɔ:l/ ●●● S1 W2 **noun**  
 1 [uncountable] British English a game played by two teams of eleven players who try to kick a round ball into the other team's goal **SYN** **soccer** American English

Imagem 16: verbete *eggplant* no dicionário LDOCE (Fonte: <https://www.ldoceonline.com/dictionary/football> acesso em 10/09/2022).

A primeira informação destacada é *British English*, assim se entende que *eggplant* é a forma usada no inglês britânico. Em seguida, destaca-se *SYN* – “sinônimo” – e *soccer* *American English*, ou seja, que o sinônimo de *football* na primeira acepção é

soccer no inglês americano. A segunda acepção é analisada abaixo, onde se destacam novamente as marcas diatópicas.

2 [uncountable] **American English** a game played by two teams of eleven players who try to carry or kick an oval ball into the other team's goal **SYN** **American football** *British English*

Imagem 17: acepção 2 do verbete *football* no dicionário LDOCE (Fonte: <https://www.ldoceonline.com/dictionary/football> acesso em 10/09/2022).

Na segunda acepção, destaca-se primeiramente *American English*, assim se entende que *football* é a forma usada para o outro tipo de jogo descrito. Posteriormente, *SYN*, aqui abreviação de “sinônimo”, e *American football* *British English*, em que se infere que *American Football* é como se chama esse esporte no inglês britânico.

A seguir, a análise continua com o verbete *soccer*, onde se destacam os áudios e a marca diatópica.

soccer

From Longman Dictionary of Contemporary English

Related topics: [Football](#)



SOC·cer /'sɒkə \$ 'sɔ:kər/ ●●● **S2** noun [uncountable]  
 a sport played by two teams of 11 players, who try to kick a round ball into their opponents' goal **SYN**
football *British English*

Imagem 18: verbete *soccer* no dicionário LDOCE (Fonte: <https://www.ldoceonline.com/dictionary/soccer> acesso em 10/09/2022).

Primeiramente, destacam-se os áudios que correspondem às pronúncias de cada uma das principais variedades do inglês. Porém, tal palavra, como apresentada na análise do verbete *football* (imagem 16), é usada somente no inglês americano. A marca diatópica não é apresentada pelo dicionário neste verbete, o que seria uma informação importante. Com a questão da variedade esclarecida, não há necessidade de apresentar ambos os áudios, mas somente o da variedade à qual ela pertence, o do inglês americano, porque a palavra não é usada no britânico e, se não é usada, não tem razão para ter o áudio. De qualquer modo, por fim enfatiza que o sinônimo de *soccer* é *football* no inglês britânico.

4.2.2 DIFERENÇA ORTOGRÁFICA

Nesta parte é interessante enfatizar a diferença ortográfica entre as variedades. Seguidamente, dá-se continuidade à análise dos verbetes *centre* e *center*. Abaixo se começa por *centre*, onde as marcas diatópicas serão analisadas.

centre

Word family (noun) centre/center centralization ≠ decentralization centralism centrist
 (adjective) central centralized ≠ decentralized centred/centered centrist (verb) centre/center
centralize ≠ decentralize (adverb) centrally

From Longman Dictionary of Contemporary English

Related topics: [Buildings](#), [Baseball](#), [Football](#), [Other sports](#)

cen·tre¹ British English, center American English /'sentə \$ -ər/ ●●● S1 W1 noun 🔊 🔊

Imagem 19: verbete *centre* no dicionário LDOCE (Fonte: <https://www.ldoceonline.com/dictionary/centre>-acesso em 11/09/2022).

No verbete *centre*, ressalta-se *British English* – indicando que é a forma usada no inglês britânico –, e a seguir, *center American English* – indicando que *center* é a forma usada no inglês americano. Em seguida, está a imagem do verbete *center* em que a marca diatópica é analisada.

center

From Longman Dictionary of Contemporary English

cen·ter /'sentə \$ -ər/ noun 🔊 🔊

the American spelling of centre



Imagem 20: verbete *center* no dicionário LDOCE (Fonte: <https://www.ldoceonline.com/dictionary/center>-acesso em 11/09/2022).

Prontamente, ressalta-se *the American spelling of centre*, isto é, *center* é a forma americana de se escrever *centre*. O verbete não tem significados, tampouco acepções, apenas apresenta alguns exemplos, já que o consulente pode usar as informações de *centre*.

Em seguida, continua-se o estudo com o verbete *flavour*, onde se analisam as marcas diatópicas.

flavour

From Longman Dictionary of Contemporary English

fla·vour (British English, **flavor** American English) /ˈfleɪvə \$ -ər/ ●●● S2 W2 noun  

1 [countable] the particular taste of a food or drink

 Which flavour do you want – chocolate or vanilla?

Imagem 21: verbete *flavour* no dicionário LDOCE (Fonte: <https://www.ldoceonline.com/dictionary/flavour> acesso em 10/09/2022).

Em *flavour* se destaca *British English*, o que significa que esta palavra é a forma usada no inglês britânico, e em seguida *flavor American English*, que *flavor* é a forma usada no inglês americano. Mesmo que o dicionário apresente qual é a ortografia correta da palavra no inglês americano, assim como no CLD, o LDOCE também não tem o verbete *flavor*. De qualquer forma, isso não prejudica o consulente, porque ao buscar *flavor* no dicionário, ele leva ao verbete *flavour*.

4.2.3 DIFERENÇA FONOLÓGICA

Nesta parte, a análise se concentra nas diferentes pronúncias das mesmas palavras, tanto no *standard* britânico quanto no americano. Iniciando pelo verbete *poem* abaixo, em que se destacam as transcrições fonéticas e os áudios.

poem

Word family (noun) poem poet poetry (adjective) poetic (adverb) poetically

From Longman Dictionary of Contemporary English

Related topics: Literature

po·em /ˈpəʊɪm \$ ˈpou-/ ●●● S3 W3 noun [countable]  

a piece of writing that expresses emotions, experiences, and ideas, especially in short lines using words that rhyme (=end with the same sound)

poem about


 I decided to write a poem about how I felt.



Imagem 22: verbete *poem* no dicionário LDOCE (Fonte: <https://www.ldoceonline.com/dictionary/poem> acesso em 10/09/2022).

Destaca-se a transcrição fonética que oferece duas opções e, como a ordem dos áudios é primeiro o britânico e em segundo o americano, acredita-se que a transcrição também respeite a mesma ordem. Dá-se continuidade à análise a seguir com o verbete *privacy*: suas transcrições fonéticas e áudios.

privacy

Word family (noun) **privacy** **private** **privatization** (adjective) **private** (verb) **privatize** (adverb)
privately

From Longman Dictionary of Contemporary English

priv·a·cy ˈprɪvəsi, ˈpraɪ- \$ ˈpraɪ-/ • noun [uncountable]  

1 the state of being able to be alone, and not seen or heard by other people


 With seven people squashed in one house, you don't get much privacy.

Imagem 23: verbete *privacy* no dicionário LDOCE (Fonte: <https://www.ldoceonline.com/dictionary/privacy> acesso em 10/09/2022).

Como no verbete anterior, ressalta-se a transcrição fonética que oferece três opções, sendo as duas últimas idênticas. A primeira é referente ao standard britânico e as duas últimas ao americano. O verbete também dispõe do áudio de ambos os *standards* seguindo a mesma ordem da transcrição fonética.

4.3 Análise do OALD

Ao procurar um *front matter* no site do dicionário, o máximo que se pode encontrar são informações sobre quais referências materiais é possível achar no *Oxford Learner's Dictionaries* na parte de perguntas frequentes¹², e lá está descrito quais tipos de dicionários estão presentes no site. Um deles é o *Oxford Advanced Learner's Dictionary* – OALD - que é monolíngue e direcionado a aprendizes do nível avançado do inglês britânico ou americano e está na décima edição.

4.3.1 DIFERENÇA DE PALAVRAS

Esta seção se dedica aos diferentes sinônimos em cada um dos *standards* do inglês. Abaixo está o verbete *brinjal*, onde será analisado de qual obra o verbete faz parte, o áudio junto às transcrições fonéticas e as marcas diatópicas.

¹² FAQ do OALD disponível em <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/faq/#Content> acesso em 05/09/2022

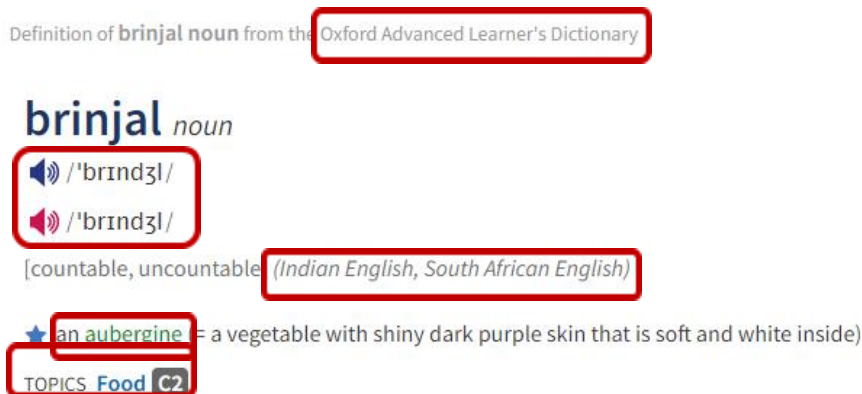


Imagem 24: verbete *brinjal* no dicionário OALD (Fonte: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/brinjal?q=brinjal> acesso em 11/09/2022).


A primeira informação destacada no verbete acima é sobre a obra: o dicionário deixa claro que o verbete faz parte do OALD, diferentemente do que foi exposto nas análises do CLD e do LDOCE, onde este verbete não estava disponível nem oferecido como marca diatópica. Seguindo a análise, destacam-se os áudios de cada um dos *standards* e cada um deles acompanhados por uma transcrição fonética. Repara-se que as transcrições são idênticas, o que significa que ambas as variedades pronunciam esta palavra da mesma forma. Depois, destaca-se *Indian English* e *South American English* onde se entende que estas são as marcas diatópicas do verbete, que é usado no inglês dessas duas regiões. Em seguida, ressalta-se *an aubergine* na aceção, o que se entende que são sinônimos com ressalva de que *brinjal* é usado nas regiões que já foram informadas. Por fim, tem *TOPICS Food C2*, o que significa que o verbete faz parte dos tópicos de comida e do nível mais alto no CEFR (*Common European Framework of Reference for Languages*), ou seja, só é interessante para um usuário que está em nível alto do idioma.


Diante da análise feita e todas as evidências expostas, não se entende o motivo desse verbete fazer parte de um dicionário para aprendizes. Se se retoma o que foi exposto anteriormente por Klotz e Herbst sobre o *learner's dictionary*¹³, *brinjal* somente seria indispensável se fosse relevante no meio internacional, o que não parece o caso. Tal verbete no CLD, por exemplo, está no dicionário monolíngue de inglês, não no *learner's dictionary* por ser algo dispensável e irrelevante para um aprendiz da língua.

Abaixo segue a imagem referente ao verbete *aubergine* onde serão analisados os áudios e as marcas diatópicas.

¹³ Cf. capítulo 4.1.

aubergine *noun*

 'əʊbədʒiːn/

 'əʊbərʒiːn/

(British English)

(North American English **eggplant**)

[countable, uncountable]

★ a vegetable with shiny dark purple skin that is soft and white inside

TOPICS **Food** **C1**



Imagem 25: verbete *aubergine* no dicionário OALD (Fonte: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/aubergine?q=aubergine> acesso em 11/09/2022).

Aubergine apresenta os áudios referentes às pronúncias britânica e americana. Depois, destacam-se as informações de *British English*, o que significa que esta é a palavra usada nesta variedade, e abaixo disso *North American English* acompanhado de *eggplant*, o que se entende que esta é a palavra usada no inglês americano. Retomando os áudios, não se entende o porquê de eles estarem disponíveis em ambas as variedades, se o verbete faz parte da britânica, como exposto na análise, o que o torna dispensável.

Em seguida, está a imagem do verbete *eggplant*, onde serão analisados os mesmos itens do verbete anterior: os áudios e a marca diatópica.

eggplant *noun*

 'egplɑːnt/

 'egplænt/

(North American English)

(British English **aubergine**)

[countable, uncountable]

★ a vegetable with shiny dark purple skin that is soft and white inside

TOPICS **Food** **C1**

Want to learn more?



Imagem 26: verbete *eggplant* no dicionário OALD (Fonte: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/eggplant?q=eggplant> acesso em 11/09/2022).

No verbete destacam-se as seguintes informações: primeiramente os áudios dos *standards* e logo depois as marcas diatópicas: primeiramente *North American English* – entende-se que *eggplant* é a forma usada no inglês norte-americano –, secundamente *British English* e acompanhado por *aubergine* – portanto entende-se que esta é a forma usada no inglês britânico. A definição do verbete também é a mesma de *brinjal* e *aubergine*.

Mais adiante, pode-se ver como estão dispostas as informações nos verbetes *football* e *soccer*. Em *football*, serão analisadas somente as marcas diatópicas, pois a palavra é usada em ambas as variedades e, logo, se nota que os áudios de ambas estão disponíveis.

football *noun*



/'fʊtbɔ:l/

/'fʊtbɔ:l/

1 ★ [uncountable]

(also formal **Association football**)

(both *British English*)

(also **soccer** *North American English, British English*)

(also *British English, informal footy, footie*)



Imagem 27: verbete *football* no dicionário OALD (Fonte: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/football?q=football> acesso em 10/09/2022).

Primeiramente, o que se destaca é *both British English* entre parênteses – não se entende exatamente a que *both* se refere, mas deve fazer referência também ao *also formal Association football* – e abaixo está escrito entre parênteses: *also soccer North American English, British English* – também não se compreende o motivo do inglês britânico ser mencionado aqui novamente, mas se entende que *soccer* é a forma usada no inglês norte-americano. Abaixo está a imagem da segunda acepção do verbete, também onde serão analisadas as marcas diatópicas.

2 ★ (*North American English*)

(*British English American football*)

[uncountable] a game played by two teams of 11 players, using an **oval** ball which players kick, throw, or carry. Teams try to put the ball over the other team's line.

Imagem 28: acepção 2 do verbete *football* no dicionário OALD (Fonte: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/football?q=football> acesso em 10/09/2022).

Destaca-se primeiramente entre parênteses *North American English*, o que indica que quando a palavra é usada nesta acepção pertence ao inglês norte-americano, e abaixo está entre parênteses *British English American football*, ou seja, *American football* é a forma usada no inglês britânico.

A seguir, serão analisadas as marcas diatópicas no verbete soccer.

soccer *noun*



/ˈsɒkə(r)/

/ˈsɑːkər/

(*British English also football*)

[uncountable]

★ a game played by two teams of 11 players, using a round ball which players kick up and down the playing field. Teams try to kick the ball into the other team's goal.



Soccer is the usual word for this sport in *North American English* in *British English* the usual word is **football**, although **soccer** is also used. **Soccer** is short for **Association football**, a formal term sometimes used in *British English*.

Imagem 29: verbete *soccer* no dicionário OALD (Fonte: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/soccer?q=soccer> acesso em 10/09/2022).

No verbete, ressalta-se primeiramente *British English also football* que está entre parênteses, isto é, *football* é a forma usada no inglês britânico. Porém, neste verbete se destaca primeiramente qual é a forma usada no inglês britânico e próximo a isso não há a marca diatópica do inglês norte-americano, diferentemente dos demais dicionários e até mesmo dos outros verbetes do OALD, como já foi exposto nas análises. Seguindo a análise, há um destaque em vermelho, o que logo chama a atenção pelo contraste de cor e finalmente tem a marca diatópica do inglês norte-americano e uma explicação sobre como essa forma é usada nas duas variedades do inglês.

4.3.2 DIFERENÇA ORTOGRÁFICA

Esta parte da análise tem como objetivo observar as diferenças ortográficas das duas principais variedades do inglês e como isto é abordado pelo dicionário, começando por *centre* e *center* e por fim, *flavour* e *flavor*.

Abaixo, serão analisadas as marcas no verbete *centre*.

centre *noun*



OPAL W

OPAL S

/'sentə(r)/

/'sentər/

(US English center)

Idioms

middle

1 ★ [countable] the middle point or part of something

- He walked to the centre of the circle.
- **in the centre of something** There was a long table in the centre of the room.



Imagem 30: verbete *centre* no dicionário no dicionário OALD (Fonte: https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/centre_1?q=centre - acesso em 11/09/2022).

A informação “*US English center*”, entende-se que *center* é a forma de *centre* usada no inglês dos EUA. O que chama a atenção é que nos verbetes anteriores do mesmo dicionário, se usava *North American English* para se referir a esta variedade e agora se optou por *US*. O dicionário deveria obedecer a um padrão para apresentar este tipo de informação. A seguir, o verbete *center*, em que novamente serão analisadas as marcas diatópicas.

center *noun*



/'sentə(r)/

/'sentər/

(US English)

(British English **centre**)

Idioms

1 ★ [countable] the middle point or part of something

- **the center of something** *He walked to the center of the circle.*
- **in the center of something** *There was a long table in the center of the room.*

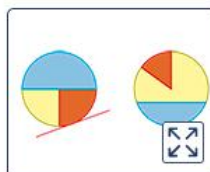


Imagem 31: verbete *center* no dicionário OALD (Fonte: https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/center_1?q=center- acesso em 11/09/2022).

No verbete *center* logo se nota em destaque *US English*, portanto entende-se que o verbete é usado no inglês dos EUA. Em seguida, lê-se “*British English centre*”, então *centre* é o correspondente usado no inglês britânico. A seguir, o verbete *flavour*, cuja análise se concentrará na marca diatópica.

flavour *noun*



/'fleɪvə(r)/

/'fleɪvər/

(US English **flavor**)

Idioms

1 ★ [uncountable] how food or drink tastes

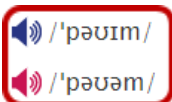
Imagem 32: verbete *center* no dicionário OALD (Fonte: https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/flavour_1?q=flavor acesso em 10/09/2022).

Logo se vê em destaque *US English flavor*, portanto se entende que *flavor* é a forma usada no inglês dos EUA. Tal forma americana não é oferecida pelo dicionário como um verbete, porém, se se escreve *flavor* na busca do dicionário, ele leva diretamente para o verbete de *flavour*.

4.3 DIFERENÇA FONOLÓGICA

Nesta parte, destacam-se os áudios e as transcrições fonéticas de cada variedade nos verbetes. São as mesmas palavras usadas em ambas as variedades, com o mesmo significado, mas cada *standard* pronúncia do seu modo. As palavras são *poem* e *privacy*. Abaixo, serão analisados os áudios e as transcrições fonéticas do verboete *poem*.

poem *noun*



★ a piece of writing in which the words are chosen for their sound and the images they suggest, not just for their obvious meanings. The words are arranged in separate lines, usually with a repeated rhythm, and often the lines rhyme at the end.

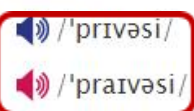
• *His collected poems were published after the war.*

Imagem 33: verboete *poem* no dicionário OALD (Fonte: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/poem?q=poem> acesso em 10/09/2022).

No verboete se destacam os áudios e suas respectivas transcrições fonéticas, o primeiro pertence à variedade britânica e o segundo à norte-americana. Sobre as transcrições fonéticas, nota-se a diferença entre elas.

A seguir, continua-se a análise do verboete *privacy* e enfocando nos áudios e suas respectivas transcrições fonéticas.

privacy *noun*



[uncountable]

1 ★ the state of being alone and not watched or interrupted by other people

• *She was longing for some peace and privacy.*

Imagem 34: verboete *privacy* no dicionário OALD (Fonte: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/privacy?q=privacy> acesso em 10/09/2022).

Acima, pode-se observar que o verboete apresenta os áudios, que são acompanhados por suas transcrições fonéticas. O primeiro pertence ao inglês britânico e

o segundo ao norte-americano e claramente se percebe a diferença nas transcrições, o que deixa claro que cada variedade tem uma pronúncia própria para a mesma palavra.

4.4 Resultados

4.4.1 CLD

A obra não apresenta o verbete *brinjal* no *learner's dictionary*, mas no dicionário monolíngue de inglês. Quando se busca por esse verbete, se é direcionado à outra obra. Portanto, o verbete é desconsiderado, por não fazer parte do dicionário para aprendizes.

Às vezes, o dicionário falha ao apresentar o áudio de ambas as variedades quando a palavra pertence somente a uma delas.

Sobre a nomenclatura das marcas diatópicas, a obra mantém uma sistematicidade nas apresentações delas.

4.4.2 LDOCE

Apesar do LDOCE não apresentar um *front matter* em seu site e não possuir a nomenclatura de *learner's dictionary* em seu nome, pelas características das informações no verbete e por cumprir os pré-requisitos de um dicionário para aprendizes, pode-se concluir que a obra tem um caráter pedagógico. Ademais, outra evidência é o fato de o LDOCE não apresentar o verbete *brinjal*, o que reafirma seu caráter de *learner's dictionary*, pois não é uma palavra que pertence aos *standards* britânico ou americano. Sendo assim, assume aspectos de um dicionário para aprendizes, ainda que não se apresente dessa forma.

Embora a obra tenha evidências suficientes de suas características de *learner's dictionary*, algumas vezes apresenta informações demais, como visto na análise do verbete *aubergine*, quando apresenta a origem etimológica (imagem 14) da palavra e sendo criticado que tal dado é irrelevante para um aprendiz do idioma.

Outro problema encontrado foi a disponibilidade dos áudios de ambas as variedades, enquanto o verbete pertence somente a uma delas.

4.4.3 OALD

Um dos primeiros problemas encontrados foi a presença do verbete *brinjal* no dicionário para aprendizes. Como já explicado anteriormente, não se espera que se tenha esta palavra na obra, porque se restringe às suas marcas diatópicas, ou seja, ao inglês indiano e sul-africano, e não tem relevância no âmbito internacional para que um aprendiz precise ter conhecimento dela. Não obstante, a obra dispõe dos áudios britânico e americano, enquanto deveria apresentar os áudios referentes às marcas diatópicas.

O segundo problema observado, assim como nos demais dicionários, ele apresenta o áudio dos dois principais *standards*, sendo que a palavra pertence somente a um deles.

4.4.4 RESULTADOS GERAIS

Tratando-se dos resultados gerais, vale retomar sobre o *front matter* nas obras. No LDOCE não está presente e não há nenhuma informação pelo menos sobre a qual público o dicionário está direcionado, o CLD foi o único que se pode considerar que teve um *front matter*, porque tem uma parte dedicada às explicações sobre os códigos usados na obra e o OALD se restringe apenas às perguntas frequentes, onde se encontram informações gerais e a qual público é direcionado. Toda essa falha na apresentação de um *front matter* pode prejudicar um consulente e gerar dúvidas, por causa da falta de uma explicação dos códigos, nomenclaturas e siglas usadas na obra, uma vez que não há um padrão geral e um consenso a ser respeitado para se criar um dicionário.

Sobre as nomenclaturas das variações diatópicas dos *standards*: o CLD apresenta como US (*United States*) e UK (*United Kingdom*), portanto o *standard* de cada país; o LDOCE apresenta como *British English* e *American English*, então o inglês britânico e americano; e, finalmente, o OALD apresenta como BrE (*British English*) e NAmE (*North American English*) e, algumas vezes alternando para *US English*, assim apresentando uma assistemática na terminologia utilizada para os *standards*. Portanto, não há um padrão definido para as nomenclaturas usadas para as principais variações diatópicas que sejam compartilhadas entre os dicionários para aprendizes analisados.

Ademais, se é uma forma diatopicamente marcada e pertence a somente um dos *standards*, não se compreende a presença do áudio de outro *standard*, como nos verbetes *aubergine*, *eggplant* e *soccer*, por exemplo.

Nos verbetes *centre* e *center*, pode-se notar claramente uma preferência pela opção britânica, *centre*, nos dicionários CLD e LDOCE. Somente o OALD optou por ter as mesmas acepções e outras informações tanto para um quanto para o outro. Não se sabe o motivo da obra ter optado por essa forma de apresentação, enquanto as duas primeiras apenas oferecem o verbete americano direcionando o consulente para as acepções do verbete britânico.

Curiosamente, no caso de *flavour* e *flavor*, não se compreende o motivo de nenhuma das obras disponibilizarem a forma americana, pois aparentemente funciona da mesma forma que *center*, mas *center* tem verbete e *flavor* não. De qualquer modo, todos os dicionários cumpriram com sua função de informar a marca diatópica de cada variante e, caso buscasse por *flavor*, todos levariam a *flavour*.

Os verbetes das palavras *poem* e *privacy* cuja escrita e o significado são os mesmos, mas são pronunciadas de modos distintos em cada um dos dois *standards*, foram as únicas que aparentemente respeitaram uma ordem: disponibilizaram o áudio de ambos os *standards* acompanhados de suas transcrições fonéticas.

CONCLUSÃO

Diante da análise dos três dicionários e dos resultados obtidos, retomam-se as hipóteses da introdução.

Sobre a primeira, que acredita que os dicionários tentam representar tanto a norma britânica quanto a americana: ainda que os dicionários estudados priorizem o inglês britânico seja na escolha das palavras¹⁴, e nos verbetes, na ordem que apresentam a marca diatópica - que a norma britânica aparece em primeiro lugar nos áudios e transcrições fonéticas -, todas as obras realmente tentam representar ambos os *standards* de forma equilibrada. Retomando Klotz e Herbst (2016), como exposto no quarto capítulo sobre as variedades no *learner's dictionary* e que devem apresentar ambas as

¹⁴ Um exemplo disso é que todos os dicionários possuem os verbetes *centre* (britânico) e *center* (americano), mas com *flavour* (britânico) e *flavor* (americano) só ofereciam o verbete britânico, enquanto o americano era exibido como uma observação do britânico.

variedades e principalmente as suas diferenças, no geral, as obras respeitaram isso, como exposto nas análises e nos resultados.

Tratando-se da segunda hipótese, que crê que normalmente as informações de variação diatópicas presentes nos verbetes são assistemáticas: mesmo que se desconsiderem as diferentes nomenclaturas adotadas por cada dicionário ao se referir às diferentes normas, como exposto nos resultados da pesquisa, somente o OALD, por exemplo, usa tanto *US* quanto *North American English* para se referir à variedade americana, mas com o inglês britânico, usa sempre *BrE* e *British English*. Desse modo, somente o OALD apresentou assistemática ao apresentar as informações diatópicas. No mais, as outras duas obras respeitaram as nomenclaturas utilizadas em todos os verbetes apresentados. Também vale ressaltar que todas as obras tiveram o mesmo problema com os áudios: uma palavra restrita a uma marca diatópica e o dicionário tem disponível o áudio do inglês britânico e americano, enquanto somente o áudio da variedade a qual pertence a palavra já seria suficiente.

Por fim, acredita-se que os problemas apresentados ao longo do trabalho (ou pelo menos a maioria deles) poderiam ser facilmente corrigidos pelos dicionários de aprendizes com a finalidade de manter a sistematicidade das informações e oferecer de forma simples o que for necessário para o consulente.

BIBLIOGRAFIA

BUGUEÑO MIRANDA, F.V.; JARDIM, C.R. Os *learner's dictionaries* do inglês e os *Lernwörterbücher* do alemão: uma simples transposição de nomes?. *Contingentia*, Porto Alegre v.5, n.1, p.41-67, maio 2010. (Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/13319/7614>; acesso em 19/09/2022)

Cambridge Dictionary (Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/>; acesso em: 11/09/2022)

CLYNE, M.; SHARIFIAN, F. English as an international language: Challenges and possibilities. *Australian Review of Applied Linguistics, International Forum on English as an International Language, special forum issue edited by Sharifian, Farzad; Clyne, Michael*.31(3), 28.1-28.16., 2008

CLYNE, M. "Pluricentric Languages- Introduction".1992a. In: Clyne, M.(ed.). *Pluricentric Languages: Differing Norms in Different Nations*. Berlin/New York: Mouton De Gruyter. 1992, 1-9.

CLYNE, M. "Epilogue". 1992b. In: CLYNE, M. (ed.). *Pluricentric Languages. Differing Norms in Different Nations*. Berlin/New York: Mouton De Gruyter. 1992, 455-465.

COSERIU, E. Los conceptos de "dialecto", "nivel" y "estilo de lengua" y el sentido propio de la dialectología. In: *LEA*, v.III/I, p.1-32, 1981. Disponível em <http://www.romling.uni-tuebingen.de/coseriu/publi/coseriu185.pdf>

COSERIU, E. Sistema, norma y habla. In: COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos. p.11-113, 1962 Disponível em <http://www.romling.uni-tuebingen.de/coseriu/publi/coseriu8.pdf>

CRYSTAL, D. English as a global language. Segunda edição. Cambridge: Cambridge University Press. 2003

FARIAS, V. S. Pluricentrismo e políticas acadêmicas: o *state of the art* do debate no âmbito da cultura linguística hispânica. Mosaico Hispânico: novas perspectivas nas pesquisas em língua espanhola. Bordô-Grená. Alagoinhas. p. 163-180 2019

FARIAS, V. S. La política lingüística panhispánica y su reflejo en las obras académicas. Consideraciones acerca del tratamiento de la variación diatópica y distrático-diafásica en el DRAE. In: FRANKE, A.-S.; ÁLVAREZ VIVES, V. (Hrsg.). *Romaniae Pontes. Beiträge zur Sprache in der Gallo- und Iberoromania*. Berlin: Peter Lang. p. 161-174 2018a

FARIAS, V. S. Sobre a definição lexicográfica e seus problemas: fundamentos para uma teoria geral dos mecanismos explanatórios em dicionários semasiológicos. Tese de Doutorado em Lexicografia - UFRGS. Porto Alegre, p. 29-58. 2013.

KABATEK, J. Linguistic Norm in the Theory of Eugenio Coseriu. In: Lebsanft, Franz / Tacke, Felix: *Manual of Standardization in the Romance Languages*, Berlin/New York: De Gruyter p. 1-17 2020

KABATEK, J. Requisitos para ser lengua: el caso del asturiano y de otras modalidades lingüísticas de España. In: Castillo Lluch, Mónica/ Kabatek, Johannes: *Las lenguas de España. Política lingüística, sociología del lenguaje e ideología desde la Transición hasta la actualidad. Linguística Iberoamericana*. Iberoamerica Vervuert vol. 28 p. 141-158 2006

KLOSS, H.. 'Abstand Languages' and 'Ausbau Languages'. *Anthropological Linguistics*, Vol. 9, No. 7 (Oct., 1967), pp. 29-41 1967 Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4896870/mod_resource/content/1/Kloss%2C%20Abstand%20Languages%20and%20Ausbau%20languages.pdf (acesso em 09/12/2019)

KLOTZ, M.; HERBST, T.. *English Dictionaries: A Linsguistic Introduction*. Berlin: Erich Schmidt Verlag GmbH & Co. KG. 2016

JARDIM, CAROLINA R. Mecanismos de Otimização Para Um *Learner's Dictionary* do Inglês Para Aprendizes Brasileiros. Dissertação de Mestrado em Teorias Linguísticas do Léxico – Pós Graduação em Letras – UFRGS. Porto Alegre. 2013. p. 39-56.

Longman Dictionary of Contemporary English (Disponível em: <https://www.ldoceonline.com/>; acesso em: 11/09/2022)

MUHR, R. Language Attitudes and language conceptions in non-dominating varieties of pluricentric languages. / *Die Spracheinstellungen und Sprachkonzepte nichtdominierender Varietäten plurizentrischer Sprachen*. In: MUHR, R. (ed.) *Standardvariationen und Sprachideologien in verschiedenen Sprachkulturen der Welt. /Standard Variations and Language Ideologie in Different Language Cultures around the World*. Frankfurt am Main: Peter Lang GmbH, 2005. p. 11-20.

Oesterreicher, W..“El español, lengua pluricéntrica: perspectivas y límites de una autoafirmación lingüística nacional en Hispanoamérica. El caso mexicano”. *Lexis*, 26.2, 2002. p.275-304

Oxford Learner's Dictionary (Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/>; acesso em 11/09/2022)

PÖLL, B. Situaciones pluricéntricas en comparación: el español frente a otras lenguas pluricéntricas. In: LEBSANFT, F.; MIHATSCH, W.; POLIZINHAUMANN, C. (eds.). *El español, ¿desde las variedades a la lengua pluricéntrica?* Frankfurt am Main: Iberoamericana, Verveuert, 2012. p. 29-46.